



CENTRO HISTÓRICO DE OURO PRETO – CIDADE E SUA CONSTITUIÇÃO

Carlos SANTOS

Carlos Henrique Dos Santos

RESUMO: A cidade de Ouro Preto, originalmente denominada Vila Rica, surgiu no final do século XVII a partir da descoberta de ricas jazidas auríferas em Minas Gerais. Rapidamente, transformou-se em um dos principais centros urbanos da colônia, sendo marcada pelo intenso desenvolvimento econômico, pela presença da Coroa portuguesa e pela construção de um conjunto arquitetônico notável, em especial no estilo barroco.

Durante o século XVIII, Ouro Preto destacou-se não apenas pela abundância de ouro, mas também como palco de importantes movimentos históricos, entre eles a Inconfidência Mineira, que simbolizou a busca por autonomia e identidade nacional. O esgotamento das minas e a transferência da capital para Belo Horizonte no final do século XIX resultaram em um período de declínio econômico, embora a cidade tenha preservado seu patrimônio arquitetônico e cultural.

Reconhecida pela UNESCO em 1980 como Patrimônio Mundial da Humanidade, Ouro Preto consolidou-se como símbolo da memória nacional e como destino turístico de relevância internacional. Hoje, a cidade representa um espaço em que tradição e contemporaneidade se entrelaçam, mantendo viva a herança do período colonial ao mesmo tempo em que se projeta como polo cultural e educacional.

Palavras-chave: Ouro Preto; Patrimônio Histórico; Barroco Mineiro; Ciclo do Ouro; Inconfidência Mineira; Patrimônio Mundial.

1. INTRODUÇÃO

A cidade de Ouro Preto, situada no estado de Minas Gerais, constitui um dos mais emblemáticos marcos da história e da cultura brasileira. Fundada oficialmente em 1711, sob o nome de Vila Rica, a cidade nasceu no contexto do ciclo do ouro, quando a exploração mineral transformou a região em um dos principais polos econômicos da colônia portuguesa. Esse período de abundância não apenas atraiu milhares de pessoas em busca de riquezas, mas também impulsionou a formação de um conjunto arquitetônico único, caracterizado pela riqueza do barroco mineiro, visível em igrejas, casarões e obras de artistas como Aleijadinho e Mestre Ataíde. A relevância de Ouro Preto estendeu-se além da economia, abrigando movimentos políticos de grande impacto, como a Inconfidência Mineira, que marcou a luta pela independência do Brasil.

Com o esgotamento das jazidas auríferas e a transferência da capital mineira para Belo Horizonte em 1897, Ouro Preto enfrentou um período de decadência econômica. No entanto, a preservação de seu acervo arquitetônico e cultural garantiu-lhe uma nova função histórica, transformando-a em referência para os estudos sobre o período colonial e em importante destino turístico. Reconhecida pela UNESCO em 1980 como Patrimônio Mundial, a cidade continua a desempenhar papel essencial na valorização da memória nacional, representando um elo vivo entre passado e presente.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A origem de Ouro Preto insere-se no contexto do ciclo do ouro no Brasil colonial, marcado pela descoberta das jazidas no final do século XVII. Para Fausto (2013), o ouro foi responsável por deslocar o eixo econômico da colônia para o interior, promovendo uma intensa urbanização e modificando a dinâmica social e política da época. Nesse cenário, Vila Rica destacou-se como a cidade mais próspera da região, simbolizando a centralidade mineira no projeto colonial português.

A organização espacial e urbana de Ouro Preto reflete as condições topográficas e a ausência de um planejamento ortogonal. De acordo com Lemos (1999), o traçado irregular das ruas e a adaptação às encostas conferiram singularidade à cidade, que se consolidou como exemplo de urbanismo colonial característico de áreas mineradoras, diferente das cidades litorâneas planejadas pela Coroa. Essa configuração ainda hoje marca o perfil urbano da cidade.

O patrimônio arquitetônico e artístico de Ouro Preto constitui um dos maiores legados do barroco no Brasil. Conforme Bury (2006), o barroco mineiro não apenas incorporou influências europeias, mas também desenvolveu identidade própria, resultado da fusão entre técnicas locais, mão de obra escravizada e talento de mestres como Aleijadinho e Mestre Ataíde. Esse sincretismo estético elevou a cidade ao patamar de referência internacional.

Além da dimensão artística, Ouro Preto foi palco de movimentos políticos de relevância, como a Inconfidência Mineira. Para Maxwell (2009), o movimento expressou a insatisfação das elites coloniais com a exploração portuguesa e representou uma das primeiras tentativas de emancipação política do Brasil. Embora derrotada, a Inconfidência projetou Ouro Preto como símbolo de resistência e ideal de liberdade.

Com o esgotamento das jazidas e a transferência da capital para Belo Horizonte em 1897, Ouro Preto enfrentou um período de estagnação. Conforme Silva (2010), essa mudança refletiu a tentativa do governo de modernizar Minas Gerais e romper com a herança colonial, relegando Ouro Preto a uma posição secundária no cenário econômico. Ainda assim, o declínio preservou parte de seu patrimônio histórico, que permaneceu relativamente intocado.

No século XX, a cidade passou a ser valorizada pela sua importância cultural e histórica. De acordo com Fonseca (2005), o movimento de preservação patrimonial iniciado em 1933, com a criação do SPHAN (atual IPHAN), teve em Ouro Preto um de

seus maiores laboratórios, servindo de modelo para a proteção de bens históricos em todo o país. Esse processo garantiu a manutenção de seu conjunto arquitetônico.

O reconhecimento internacional veio com o título concedido pela UNESCO em 1980, que classificou Ouro Preto como Patrimônio Mundial. Para Choay (2001), a patrimonialização de cidades históricas não apenas protege o passado, mas também legitima identidades coletivas e possibilita novas formas de apropriação social do espaço. Nesse sentido, Ouro Preto tornou-se referência de memória e identidade para o Brasil.

Atualmente, Ouro Preto é compreendida como um espaço em que memória, turismo e educação se entrelaçam. Segundo Nascimento (2017), a cidade consolidou-se como polo cultural e universitário, onde a presença da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) contribui para renovar sua vitalidade social. Dessa forma, o passado colonial conecta-se ao presente, reafirmando a importância da cidade no cenário histórico e cultural brasileiro.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 ORIGEM E PRIMEIROS NÚCLEOS DE POVOAMENTO

Figura 1 - Gravura: Denis, Ferdinand, 1798-1890



Fonte: Imagem retirada da internet .

O surgimento de Ouro Preto está diretamente ligado ao processo de

interiorização da colônia portuguesa no final do século XVII. Bandeirantes paulistas, motivados pela busca de metais preciosos, avançaram em expedições pelo sertão até encontrar, em 1698, ricas jazidas auríferas nas encostas da Serra do Espinhaço. A descoberta provocou uma verdadeira corrida do ouro, atraindo milhares de aventureiros, comerciantes e trabalhadores para a região.

Nesse período inicial, o território ainda não era estruturado como cidade, mas formado por pequenos arraiais que surgiam próximos às áreas de extração. Esses núcleos rudimentares, compostos por casas de taipa e madeira, abrigavam mineradores e comerciantes que viviam em função da exploração mineral. O crescimento rápido e desordenado caracterizou os primeiros anos da ocupação.

Segundo os registros coloniais, cada nova descoberta de jazida motivava a formação de um novo arraial. A proximidade entre eles favoreceu a aglutinação em um centro maior, que viria a ser denominado Vila Rica. A concentração da população nas áreas mineradoras também resultou em conflitos pela posse do ouro, exigindo uma maior intervenção da Coroa portuguesa na administração local.

Figura 2 - O Arraial de Antônio Dias e as Ruínas do Palácio Velho



Fonte: Imagem retirada da internet.

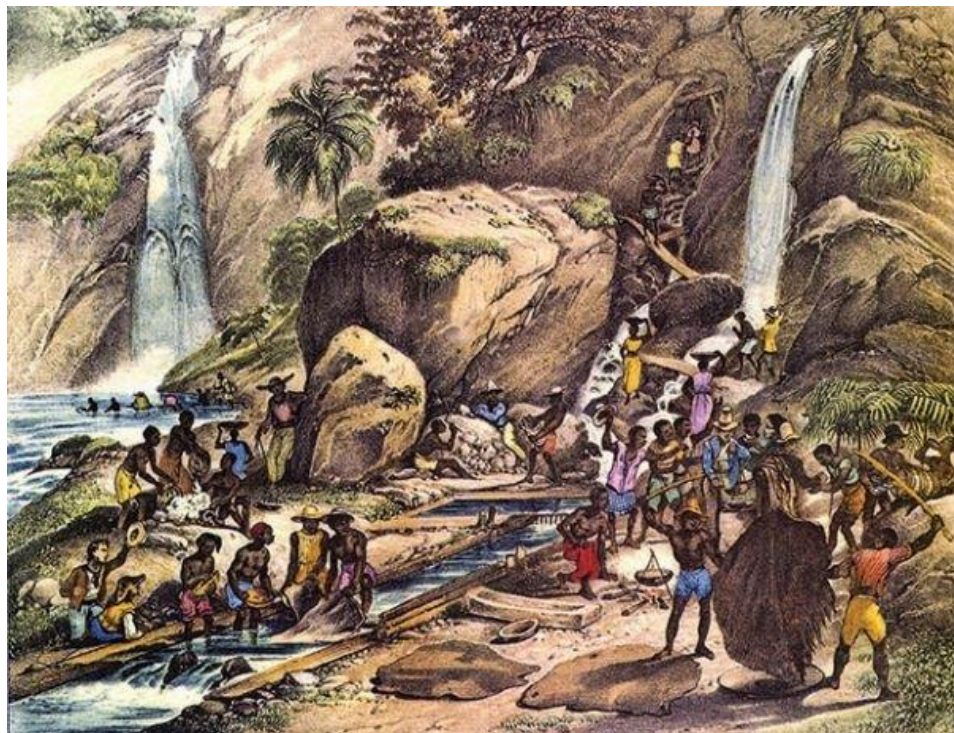
A fundação oficial da cidade ocorreu em 1711, quando, por ordem régia, os principais arraiais foram reunidos sob uma mesma administração. O nome Vila Rica refletia não apenas a abundância mineral, mas também o papel estratégico que a região

passou a desempenhar para os interesses da metrópole. Esse marco deu início à urbanização definitiva do território.

3.2 O CICLO DO OURO E A CONSOLIDÇÃO URBANA

Durante o século XVIII, Ouro Preto consolidou-se como o mais importante centro urbano da colônia. A abundância aurífera fez da cidade a maior fonte de recursos da Coroa portuguesa, garantindo sua rápida ascensão. Estima-se que mais da metade do ouro produzido no mundo no período tenha vindo de Minas Gerais, e grande parte desse volume foi extraído em Ouro Preto e arredores.

Figura 3 - Pintura de Johann Moritz Rugendas de 1820-1825



Fonte: Imagem retirada da internet.

O intenso fluxo populacional alterou profundamente a organização urbana. A cidade expandiu-se de maneira irregular, com ruas estreitas e sinuosas que acompanhavam o relevo montanhoso. Essa característica diferenciava Ouro Preto das cidades planejadas do litoral, refletindo a lógica mineradora, na qual a ocupação se dava em função da proximidade das jazidas.

A economia baseada na mineração também gerou uma sociedade marcada por desigualdades. Enquanto a elite enriquecida erguia imponentes casarões e financiava

igrejas, a grande massa da população, composta por escravizados africanos e trabalhadores livres pobres, sustentava a base da exploração mineral. Essa estrutura social fez de Ouro Preto uma cidade de contrastes, unindo luxo e opulência a condições de vida extremamente precárias.

Além da dimensão econômica, Vila Rica destacou-se como centro político da colônia. Em 1720, foi elevada à condição de capital da Capitania de Minas Gerais, reforçando sua importância administrativa. A presença constante da Coroa portuguesa se fez sentir por meio da cobrança de tributos, como o quinto, e da fiscalização das casas de fundição, o que gerava constantes tensões entre a população e o governo metropolitano.

No campo cultural, a prosperidade possibilitou a formação de um acervo artístico sem precedentes no Brasil. O barroco mineiro floresceu como expressão estética da época, impulsionado pelo mecenato religioso e pelo desejo das irmandades de ostentar poder e prestígio. Nesse cenário, destacaram-se artistas como Aleijadinho e Mestre Ataíde, cujas obras marcaram definitivamente a paisagem urbana.

3.3 DECADÊNCIA ECONÔMICA E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO

A partir do final do século XVIII, o esgotamento das jazidas auríferas iniciou o declínio econômico de Ouro Preto. A diminuição da produção afetou diretamente a arrecadação da Coroa e reduziu o dinamismo social da cidade. A insatisfação popular diante da exploração tributária e da crise econômica foi um dos fatores que motivaram a Inconfidência Mineira, em 1789.

O movimento, embora reprimido com violência, simbolizou a primeira tentativa de emancipação política no Brasil. Ouro Preto, nesse sentido, consolidou-se como espaço de contestação e de reflexão sobre a dominação portuguesa. Mesmo derrotada, a Inconfidência deixou um legado de luta pela liberdade que se incorporou à identidade nacional.

Com a independência do Brasil, em 1822, Ouro Preto manteve-se como capital de Minas Gerais. Contudo, a cidade já não possuía o mesmo dinamismo econômico, pois a mineração havia perdido relevância. As dificuldades de adaptação a novos ciclos produtivos resultaram em um processo de estagnação.

No fim do século XIX, a situação foi agravada pela transferência da capital para Belo Horizonte, em 1897. A justificativa do governo mineiro era modernizar a administração, uma vez que o relevo íngreme de Ouro Preto dificultava a expansão urbana

e a implantação de infraestrutura. Essa decisão relegou a antiga capital a uma condição periférica.

Paradoxalmente, a decadência econômica contribuiu para a preservação do patrimônio histórico. Sem grandes transformações urbanas, as igrejas, praças e casarões permaneceram relativamente intactos. Esse “congelamento” do espaço urbano seria fundamental para que, no século XX, Ouro Preto fosse redescoberta como símbolo da memória nacional.

3.4 ARQUITETURA, PATRIMÔNIO E TURISMO CONTEMPORÂNEO

No início do século XX, intelectuais e políticos passaram a valorizar Ouro Preto como expressão da identidade brasileira. A criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em 1937, sob liderança de Mário de Andrade e Rodrigo Melo Franco de Andrade, teve na cidade um de seus principais alvos de preservação. Ouro Preto tornou-se, assim, referência no processo de patrimonialização do país.

Figura 4 - Estátuas dos doze apóstolos em frente o Santuário de Bom Jesus de Matosinho.



Fonte: Imagem retirada da internet.

O conjunto arquitetônico da cidade, dominado pelo barroco mineiro, foi considerado exemplar por sua originalidade e integridade. Igrejas como São Francisco de Assis, obras de Aleijadinho e Mestre Ataíde, tornaram-se ícones do patrimônio nacional.

A combinação de arquitetura, arte sacra e urbanismo irregular conferiu a Ouro Preto uma singularidade reconhecida internacionalmente.

Em 1980, o título de Patrimônio Mundial da Humanidade, concedido pela UNESCO, projetou Ouro Preto no cenário global. Esse reconhecimento fortaleceu o turismo cultural como principal atividade econômica da cidade. Festas religiosas, museus e roteiros históricos passaram a atrair visitantes de todo o mundo.

Atualmente, Ouro Preto é também um importante polo educacional, abrigando a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), que dinamiza a vida cultural e acadêmica. A presença estudantil contribui para renovar o cotidiano da cidade, sem apagar sua vocação histórica.

O turismo consolidou-se como principal motor da economia local. Eventos como a Semana Santa, o Festival de Inverno e o Carnaval atraem milhares de visitantes, que encontram em Ouro Preto um ambiente onde história, arte e cultura se entrelaçam.

Ao mesmo tempo, a cidade enfrenta desafios contemporâneos relacionados à preservação do patrimônio diante da pressão turística e da expansão urbana. Questões como conservação das edificações, mobilidade em terreno acidentado e sustentabilidade do turismo são temas centrais no debate atual.

Ouro Preto, assim, representa não apenas o passado glorioso do ciclo do ouro, mas também a possibilidade de conciliar tradição e modernidade. Sua paisagem urbana, marcada pela herança barroca, continua viva, reafirmando-se como um dos mais importantes símbolos da identidade nacional brasileira.

Figura 5 - Ruas de Ouro Preto nos dias atuais.



Fonte: Foto tirada pelo autor (2024).

4 Conclusão

Ouro Preto representa um marco essencial para a compreensão da formação histórica, econômica e cultural do Brasil. Seu surgimento, vinculado ao ciclo do ouro, não apenas impulsionou a interiorização da colônia, mas também deu origem a uma das cidades mais singulares do período colonial. A aglutinação de pequenos arraiais, a exploração mineral em larga escala e a rápida urbanização refletiram a importância estratégica da região para a Coroa portuguesa.

Ao longo do século XVIII, Ouro Preto consolidou-se como centro político e econômico da colônia, mas também como espaço de contradições sociais. A riqueza proporcionada pelo ouro contrastava com a dura realidade da escravidão, ao mesmo tempo em que favoreceu o florescimento do barroco mineiro e a emergência de movimentos políticos, como a Inconfidência Mineira. Esses elementos projetaram a cidade como símbolo tanto da opulência colonial quanto da luta por liberdade.

Com o declínio da mineração e a transferência da capital para Belo Horizonte, a

cidade entrou em decadência, mas preservou, paradoxalmente, seu patrimônio arquitetônico e artístico. Essa preservação possibilitou que, no século XX, Ouro Preto fosse redescoberta e valorizada como um dos maiores testemunhos da história brasileira, culminando com o título de Patrimônio Mundial da Humanidade em 1980.

Nos dias atuais, Ouro Preto articula tradição e contemporaneidade, unindo turismo, patrimônio e educação. A cidade permanece viva não apenas por suas construções barrocas e memória histórica, mas também pela vitalidade cultural que atrai visitantes e estudantes. Assim, Ouro Preto reafirma-se como um elo entre passado e presente, consolidando sua importância como espaço de identidade, resistência e valorização da memória nacional.

Referências

ANDRADE, Mário de. **Cartas de Mário de Andrade a Rodrigo M. F. de Andrade**. Brasília: MEC, 1981.

ANDRADE, **Rodrigo Melo Franco de. Rodrigo e o SPHAN**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 1987.

BAETA, Neide. **Patrimônio Cultural e Turismo em Cidades Históricas: o caso de Ouro Preto**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2014.

BURY, John. **Arquitetura e Arte no Brasil Colonial**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 14. ed. São Paulo: Edusp, 2013.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em Processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 2005.

IPHAN – **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Dossiê de Tombamento de Ouro Preto**. Brasília: IPHAN, 1938.

LE MOS, Carlos A. C. **O Barroco Brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

MAXWELL, Kenneth. **A Devassa da Devassa: a Inconfidência Mineira: Brasil e Portugal, 1750-1808**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

NASCIMENTO, Ana Paula. **Turismo Cultural em Ouro Preto: Patrimônio, memória e identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 2011.

REIS, José Carlos. **História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

SILVA, Ricardo. **Ouro Preto: de Vila Rica à preservação do patrimônio**. Ouro Preto: UFOP, 2010.

UNESCO. **World Heritage List: Historic Town of Ouro Preto**. Paris: UNESCO, 1980. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/124>. Acesso em: 25 ago. 2025.